

9

ENTRE VERDADE E MENTIRA

A PARTIR DO ENSAIO DE NIETZSCHE

António Vieira

9

ACERCA DA VERDADE E DA MENTIRA

NO SENTIDO EXTRA-MORAL

Tradução de Gilda Oswaldo Cruz

Num canto remoto do cintilante universo jorrado em inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um astro onde animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais arrogante e falso da “história universal”: mas um minuto apenas. Após uns poucos hastos da natureza, esse astro enrijeceu e os animais inteligentes tiveram de morrer. Poder-se-ia assim inventar uma fábula, mas ela não ilustraria suficientemente como é lamentável, obscuro e fugaz, como é inútil e arbitrário, o modo com que o intelecto humano se comporta no seio da natureza. Eternidades houve em que ele não existia; quando de novo deixar de existir, nada terá ocorrido. Pois não há para tal intelecto missão alguma que transcenda a existência humana. Ele é apenas humano, e só o seu possuidor e inventor o considera de forma tão patética, como se os gonzos do mundo girassem em seu redor. Pudéssemos entender-nos com um mosquito, ouviríamos que é com o mesmo patetismo que ele se desloca no ar, sentin-

do-se como o centro voador do mundo. Nada há tão desprezível e ínfimo na natureza que, ao ser ligeiramente tocado por tal força do conhecimento, não se possa inflar como uma bóia; e como qualquer estivador deseja ter os seus admiradores, também o mais orgulhoso dos seres humanos, o filósofo, pensa que de todas as partes os olhos do universo estão telescopicamente assestados na direção dos seus actos e pensamentos.

É estranho que o intelecto o consiga, uma vez que foi atribuído apenas como meio auxiliar ao mais infeliz, delicado e efémero dos seres, para fixá-lo um minuto na existência. Da qual, sem tal predicado, teria ele todos os motivos para fugir tão depressa como o filho de Lessing.¹ Aquela sobranceria ligada ao conhecimento e à sensibilidade, lançando uma névoa cegadora sobre os olhos e demais sentidos dos seres humanos, ilude-os sobre o valor da existência, pois traz consigo a mais lisonjeira das apreciações sobre o próprio conhecimento. O seu efeito mais universal é iludir — mas também os seus efeitos particulares contêm algo do mesmo carácter.

1 O filho de Lessing morreu com dois dias de vida.

O intelecto, como meio de conservação do indivíduo, exibe as suas forças principais na dissimulação; pois esse é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos ou menos robustos se conservam, sendo-lhes vedada a luta pela vida por meio de chifres ou dentições afiadas de predadores. Nos seres humanos, a arte da dissimulação chega ao seu ápice: o engano, a lisonja, a mentira e o engodo, o falar-pelas-costas, a ostentação, o viver sob um brilho emprestado, o mascarar-se, a convenção ilusória, a comédia para os outros e para si próprio, em suma, esse esvoaçar perpétuo em torno da chama única da vaidade, é de tal modo a regra e a lei, que quase nada é mais incompreensível do que a possibilidade de emergir entre os humanos um puro e honesto impulso para a verdade. Estão profundamente imersos em seus sonhos e ilusões, e seus olhos deslizam só pela superfície das coisas, vendo “formas”. A sua percepção não leva nunca à verdade, contentando-se em receber os estímulos e brincar de tactear o dorso das coisas. Acresce que, durante toda a vida, o ser humano se deixa iludir à noite pelos sonhos, sem que o seu sentimento moral tente sequer evitá-lo: apesar de que dizem ter havido

indivíduos que, por força de vontade, tenham conseguido deixar de roncar. O que sabe o ser humano, na verdade, sobre si mesmo! Conseguiria perceber-se completamente, como se estivesse estendido numa caixa de vidro iluminada? Não lhe cala a natureza a maior parte das coisas, mesmo sobre o seu próprio corpo, para que ele, à margem das dobras dos seus intestinos, do fluir rápido da circulação sanguínea, dos intrincados tremores das suas fibras, seja condenado a encerrar-se numa orgulhosa e charlatã consciência? A natureza deitou fora a chave, e pobre da curiosidade fatal que quisesse saltar da cela da consciência e, por uma fresta, conseguisse olhar para fora e para as profundezas, percebendo então que o ser humano repousa sobre o que é impiedoso, voraz, insaciável e homicida e, na indiferença da sua ignorância e suspenso de seus sonhos, vai montado no dorso de um tigre. Donde, no mundo inteiro e sob tal constelação, proviria o impulso para a verdade!

Na medida em que o indivíduo precisa defender-se de outros indivíduos, no estado natural das coisas ele utilizará o intelecto e, na maioria das

vezes, apenas para a dissimulação: mas como o ser humano, tanto por necessidade como por tédio, ao também querer existir em sociedade e em rebanho, vai necessitar de um tratado de paz, terá de fazer desaparecer de seu mundo pelo menos a mais brutal das *bellum omnium contra omnes*². Esse tratado de paz implica algo que é como o primeiro passo para a obtenção daquele misterioso impulso para a verdade. A partir de então, será fixado o que deve ser “a verdade”, ou seja, será inventada uma denominação uniformemente válida e vinculativa para as coisas e a legislação sobre a língua fornecerá igualmente as primeiras leis da verdade: surge então, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira: o mentiroso irá utilizar denominações válidas, as palavras, para fazer aparecer o irreal como real: dirá, por exemplo, sou rico, embora para a sua condição a designação correcta fosse “pobre”. Irá abusar das convenções estabelecidas por meio de trocas aleatórias, ou mesmo pela inversão do significado das palavras. Quando o fizer por motivos egoístas e de modo a causar prejuízo, a sociedade deixará de nele confiar e irá

2 Guerra de todos contra todos. Frase de Hobbes no *Leviatã*.

excluí-lo do seu meio. Os seres humanos evitam ser enganados, mas não tanto por isso mesmo quanto pelo prejuízo que o engano lhes possa causar. Na realidade, odeiam não o engano em si mas as consequências desagradáveis e prejudiciais de um certo tipo de engano. Só num semelhante sentido limitado é que o ser humano almeja a verdade. Deseja somente as agradáveis consequências da verdade que sejam conservadoras de vida; o puro conhecimento sem consequências é-lhe indiferente, ao passo que, em relação às verdades daniñas e destrutivas, ele chega mesmo a ser hostil. E, para além disso, como ficam as convenções da linguagem? Serão elas um produto do conhecimento, do sentido da verdade? Correspondem as designações às coisas? Será a linguagem a expressão adequada a todas as realidades?

Só por via do esquecimento pode um ser humano ousar afirmar que é dono de alguma verdade no grau acima designado. Caso não se satisfaça com uma verdade sob a forma de tautologia, ou seja, com invólucros vazios, vai ter de traficar eternamente com ilusões em lugar de verdades. O que é uma palavra? A partir do estímulo nervoso,



Friedrich Nietzsche

ACERCA DA VERDADE E DA MENTIRA NO SENTIDO EXTRA-MORAL

Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinne

Tradução de Gilda Oswaldo Cruz

Prefácio de António Vieira

© Gilda Oswaldo Cruz, António Vieira e Companhia das Ilhas

Edição 005

1.º edição ABRIL de 2025

Design gráfico e paginação CAM

Logótipo INÉS DE MATOS MACHADO

Fontes

Corpo do texto Swift [corpo 10,25 e 10,50]

Capas e outros elementos Arno Pro ■ Fire Sans ■ Geliat ■ Javanese

Myriad Pro ■ Quick Sand

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 546 083 /25

ISBN 978-989-9154-62-9



É UMA CHANCIERA COMPANHIA DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 / 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt